INFORMAMOS QUE ESTA É UMA PRIMEIRA VERSÃO DO TEXTO APROVADO PARA PUBLICAÇÃO. ESTE ARTIGO AINDA PASSARÁ PELA FASE DE REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO.

ID: 2959
DOI: https://doi.org/10.30962/ecomps.2959

Recebido em: 31/10/2023
Aceito em: 14/02/2024

Mulheres no jornalismo esportivo: impacto da narração e dos comentários femininos na Copa do Catar

Renata Barreto Malta
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil

Érika Alfaro de Araújo
Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo, Brasil

Aianne Amado
Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo
O artigo busca analisar postagens no Twitter motivadas pelo pioneirismo da narradora Renata Silveira e da comentarista Ana Thaís Matos em transmissões da Copa de 2022 na Globo. Um método quanti-qualitativo de análise de redes semânticas foi utilizado na coleta do conteúdo, permitindo a investigação de termos relacionados com mais frequência nos discursos do *corpus*. Como resultado, identificamos o marcador de gênero como central de modo descritivo, analítico e político. As discussões dos resultados abordaram: a divisão sexual do trabalho no jornalismo, a referência masculina no esporte, a polarização de ideias promotora de debates e a aparência física das jornalistas como argumento machista.

Palavras-chave: mulheres jornalistas; jornalismo esportivo; análise de redes semânticas; redes sociais; Copa do Mundo do Catar.

Women in sports journalism: impact of female narration and comments on the Qatar World Cup

Abstract
This article aims to analyze Twitter posts motivated by the role of narrator Renata Silveira and commentator Ana Thaís Matos on *TV Globo* broadcasts of the 2022 World Cup. A quanti-qualitative method of analysis of semantic nets was applied to collect content, which allows the investigation of terms most frequently related to the discourses that compose the corpus. As a result, we identified the gender marker as central descriptively, analytically and politically. The discussions of the results addressed: sexual division of labor in journalism, the

male reference in sport, the polarization of ideas that promotes debates and the physical appearance of journalists as male chauvinist argument.
Keywords: women journalists. sports journalism. analysis of semantic nets. social networks. Catar World Cup.

Mujeres en el periodismo deportivo: impacto de la actuación femenina en el Mundial de Qatar

Resumen
Este artículo busca analizar publicaciones en Twitter motivadas por el protagonismo de Renata Silveira y Ana Thaís Matos en las transmisiones del Mundial de 2022 en TV Globo. Se utilizó un método cuantitativo-cualitativo de análisis de redes semánticas para la recopilación del contenido, permitiendo la investigación de términos relacionados con mayor frecuencia en los discursos del corpus. Identificamos el marcador de género como central de manera descriptiva, analítica y política. Las discusiones de los resultados abordaron: división sexual del trabajo en el periodismo, el referente masculino en el deporte, la polarización de ideas y la apariencia de las periodistas como argumento machista.

Palabras clave: mujeres periodistas. periodismo deportivo. análisis de redes semánticas. redes sociales. Copa del Mundo de Qatar.

Introdução

Durante as transmissões da Copa do Mundo de 2022, evento organizado pela Federação Internacional de Futebol (Fifa) no Catar, dois acontecimentos marcaram a história do jornalismo esportivo brasileiro: Renata Silveira se tornou a primeira mulher a narrar um jogo de Copa do Mundo de futebol masculino na TV Globo, e Ana Thaís Matos, a primeira mulher a comentar uma partida do time de homens do Brasil em mundiais na televisão aberta. Sendo o esporte, em especial o futebol, "um dos principais domínios masculinos e, portanto, de significado potencial para o funcionamento das estruturas patriarcais" (Dunnning, 2014, p. 66), o rompimento de tais barreiras se dá diante de lutas e discussões sobre os efeitos da desigualdade de gênero no campo esportivo.

Historicamente, impedimentos e assimetrias de tratamentos e oportunidades alicerçaram a relação das mulheres com os esportes, nos mais diversos âmbitos. Se nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga elas sequer podiam presenciar as competições, em 2022, em diversos países pelo mundo, incluindo o Irã (que disputou o mundial do Catar), as mulheres estão banidas de estádios e não podem assistir às partidas. No Brasil, como atletas, as ações para afastar as mulheres de determinadas modalidades, como o futebol, incluíram uma proibição imposta por lei (3.199, art. 54, de 14 de abril de 1941) e por um decreto (número 7

de 1965) do Conselho Nacional de Desportos que redefiniu as regulamentações para entidades esportivas. Logo, tais privações ainda refletem e impactam o espaço de trabalho que é o jornalismo esportivo, um ambiente majoritariamente masculino.

Maria Helena Rangel, contratada pelo jornal *Gazeta Esportiva* em 1947, é considerada a primeira mulher a atuar na cobertura de esportes no Brasil (Ramos, 2010), uma exceção à regra. Ribeiro (2007) conta que até a década de 1970 mulheres não conseguiam entrar no fechado clube masculino de transmissões esportivas. Isabela Scalabrini apareceu nos anos 1980 como uma das primeiras a produzir reportagens sobre esporte, já Luciana Mariano foi a primeira narradora de futebol na TV aberta brasileira, quando atuava na Band, em uma partida da modalidade praticada por mulheres.

Nesse sentido, entendemos que a inserção de profissionais mulheres na imprensa esportiva é um fenômeno recente. E, quando se trata de posições como a narração e os comentários, os marcos são ainda mais atuais. Além do pioneirismo na Copa de 2022, Renata Silveira foi a primeira mulher a narrar um jogo no rádio (Rádio Globo), no torneio de 2014 sediado pelo Brasil. No mundial seguinte, em 2018, narrou as disputas na TV fechada, no canal por assinatura Fox Sports. A jornalista também foi a primeira mulher a narrar uma partida da seleção brasileira em Olimpíadas (2020/21) e a primeira voz feminina em transmissões do SporTV. Ana Thaís Matos, por sua vez, foi a primeira comentarista mulher a atuar em uma partida do Brasileirão masculino em televisão aberta em 2019 – o que já havia feito na televisão fechada, pelo SporTV.

Com o olhar voltado à contemporaneidade de tais fatos, ressaltamos que jornalistas que ocupam espaços em distintos setores em transmissões esportivas possuem diferentes atribuições. Os comentários exigem conhecimento, posicionamento fundamentado sobre o esporte e autoridade para transmitir confiabilidade ao público por se tratar de um estilo opinativo. “Mais do que qualquer outro membro da equipe, o comentarista precisa ter conhecimento profundo das regras do esporte sobre o qual fala” (Barbeiro; Rangel, 2006, p. 79). A narração ao vivo, no mesmo sentido, exige repertório, conhecimento e capacidade de improviso. A voz em evidência é a protagonista da cobertura por descrever todos os lances da disputa. Logo, a ocupação de espaços nos comentários e na narração exige a legitimidade que as mulheres buscam há décadas no jornalismo esportivo.

Considerando que a primeira transmissão de um evento esportivo pela televisão brasileira aconteceu em outubro de 1950 (Ribeiro, 2007), e que a participação feminina na

equipe de jornalismo da Globo se deu com Ana Thaís Matos e Renata Silveira, podemos identificar uma barreira a ser ultrapassada. Pacheco e Silva (2020) observam que os espaços legítimos e permitidos a serem ocupados são definidos pelo marcador de gênero e que "tudo leva a crer que a mesa-redonda, a cabine de transmissão e a chefia de editoria são espaços de reserva masculina legítima e de interdição feminina" (Pacheco; Silva, 2020, p. 7).

Acerca do estado da arte, identificamos trabalhos que analisam as narrativas sobre o futebol feminino nos discursos midiáticos (Mourão; Morel, 2005), evidenciam a problemática do assédio sexual no cotidiano do trabalho (Ramires, 2020), abordam as possibilidades e limitações no que concerne às mulheres no jornalismo esportivo (Pacheco; Silva, 2020; Oliveira, A.; Oliveira, N., 2017), debatem o modelo de produção jornalística sob a dominância masculina (Brum; Capraro, 2015) e, por fim, investigações com o olhar voltado para um jornalismo esportivo feminista (Firmino, 2021).

Entendemos que essas pesquisas são importantes para a compreensão das desigualdades de gênero e consequentes formas de violência nas dimensões de produção jornalística, especialmente no âmbito do jornalismo esportivo, e de cobertura jornalística por parte da imprensa especializada, para além do aprofundamento teórico no campo da comunicação e Estudos de Gênero. Como contribuição, o presente artigo direciona os holofotes para a reação do público nas redes sociais acerca do fenômeno, espaço cuja infraestrutura técnica e lógica de circulação baseada em dados pessoais o torna propício para a disseminação de discursos violentos, inclusive com cunho machista (Tavares; Recuero, 2023). Optamos por um método quanti-qualitativo de análise de redes semânticas baseada na coleta de conteúdos digitais, o qual permite a investigação de termos mais frequentemente relacionados nos discursos que compõem o *corpus*. Ressaltamos que esse movimento suscita tensões e disputas discursivas as quais merecem um olhar acadêmico.

Trajetória empírica

Procedimentos metodológicos

Em julho de 2022, o Twitter[1] anunciou expectativas de alto volume de conteúdo para a Copa do Mundo daquele ano, afirmando que 93% de seus usuários se dizem fãs do evento e o número dos que pretendiam assistir a todos os jogos era 23% maior que em outras plataformas de mídia social (Brasil é…, 2022). As projeções foram confirmadas: foram mais

[1] Em julho de 2023, a plataforma mudou seu nome de "Twitter" para "X". No período estudado, a rede social não havia passado pela mudança.

de 147 bilhões de impressões[2], dobrando o número atribuído às Olimpíadas de 2020/21 (Piovesan, 2022).

A partir destes dados, e considerando o caráter de registro e não-volatilidade do conteúdo gerado no Twitter, elegemos a plataforma como fonte suficientemente abrangente, ainda que jamais totalizante, de manifestações dos brasileiros e brasileiras durante os jogos. Mais além, consideramos a relevância desta rede social como universo a ser investigado para pesquisas empíricas do campo da comunicação que buscam a compreensão de fenômenos sociais (Recuero, 2016), especialmente aqueles que geram debates pautados em problemáticas cujas raízes se estruturam em comportamentos que rejeitam a igualdade de condições e direitos em sociedade.

A fim de avaliar as opiniões sobre os marcos históricos das jornalistas Renata Silveira e Ana Thaís Matos coletamos os *tweets* referentes ao dia de estreia de ambas nas transmissões da Copa do Mundo realizadas pela Rede Globo que mencionassem o nome das jornalistas e/ou suas funções[3]. Para o primeiro jogo de Renata Silveira, correspondente à partida entre Dinamarca e Tunísia em 22 de novembro de 2022, foram identificadas 6.489 publicações; já Ana Thaís Matos, que comentou a disputa entre Brasil e Sérvia em 24 de novembro, somou 787 *tweets*.

Após a coleta, realizada via API para acadêmicos do Twitter, os dados foram tratados no *software* WORDij, desenvolvido por James Danowski, cuja aplicação WORDLINK segue os fundamentos da análise de redes semânticas. A associação semântica e cognitiva permite que sejam encontrados sentidos discursivos por meio da análise da paridade entre as palavras, isto é, o número de vezes que diferentes vocábulos aparecem próximos e quão próximos estão (Danowski, 1993). Segundo as recomendações do *software*, optamos por uma janela de no máximo três palavras para entre pares.

O arquivo gerado pelo WORDij foi então processado pelo *software* de análise de redes Gephi, aplicando os *layouts* OpenOrd e Force Atlas 2 para compor as redes que, devido às

[2] Número de usuários que visualizaram o *tweet.*

[3] As *queries* utilizadas foram “("comentarista" AND "mulher") OR "Ana Thais" OR "Ana Tais" until:2022-11-25 since:2022-11-24” e “"Renata Silveira" OR "Narradora" until:2022-11-23 since:2022-11-22”.

limitações de formato de um artigo, estão disponibilizadas virtualmente[4] para melhor visualização. Abaixo, traremos alguns recortes com linhas discursivas encontradas.

Cada nó corresponde a uma palavra, e seu tamanho e centralidade está relacionado ao número de ocorrências que este termo formou, ou seja, quanto maior e mais central, mais vezes foi escrito em associação a outro termo também presente no mapa. A linha entre os nós conecta os pares, e quanto mais próximo eles estiverem, maior a frequência desta combinação no *corpus* textual. As diferentes cores indicam *clusters*, agrupamentos semânticos formados pelos termos com mais afinidade, que comumente identificam diferentes focos temáticos. O método de análise de conteúdo textual em sites de redes sociais foi validado por diversos estudos na área da comunicação social, dando centralidade a comentários de usuários de redes sociais (Recuero, 2016).

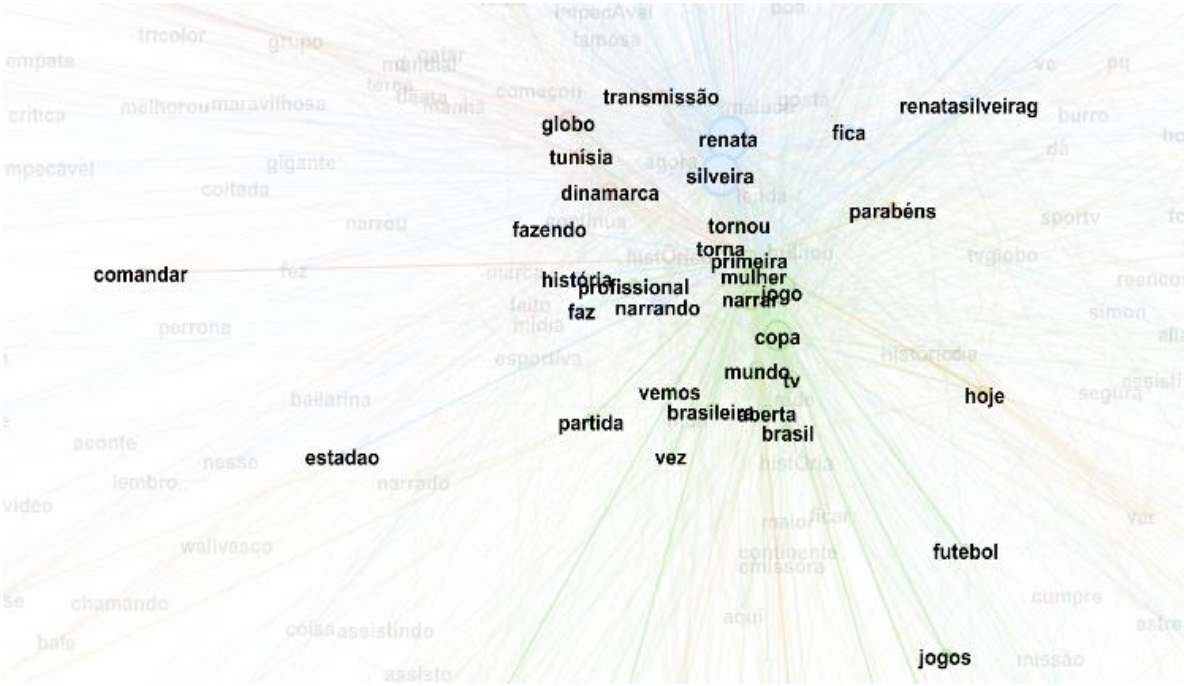
Resultados

a) Renata Silveira

O mapa possui quatro nós principais: “Renata” e “Silveira”, que consideraremos unidos para os fins desta análise; “narradora” e “@renatasilveira”, *username* da jornalista no Twitter. Os termos mais próximos ao seu nome fazem referência ao fato de Silveira que, ao ser a “primeira” “mulher” a “narrar” um “jogo” de “copa” do “mundo” na “rede” de “tv” “aberta” no “Brasil”, “faz” ou “continua” “fazendo” “história”, deixando uma “marca” ou um “feito” na “mídia” “esportiva” “brasileira”. Comentam também como a partida entre “Tunísia” e “Dinamarca” exibida aquela “manhã” de “terça-feira” na Rede “Globo” é uma “transmissão” “histórica”, apesar de uma parcela do público acreditar que ela “merecia” “estrear” num “jogo”/”partida” “melhor” (FIG. 1). Mais distante do centro, há a celebração do “histórico” “dia” para todas as “mulheres” que “trabalham” no “jornalismo” “esportivo”, uma vez que Silveira “cumpre” sua “missão” e “abre” as “portas” para outras “narradoras”.

[4] As redes referentes aos *tweets* sobre Ana Thaís Matos e Renata Silveira estão disponíveis por meio do link: https://imgur.com/a/3JM3txO. Ao baixar as imagens, é possível a visualização completa, assim como aproximações que facilitam a leitura.

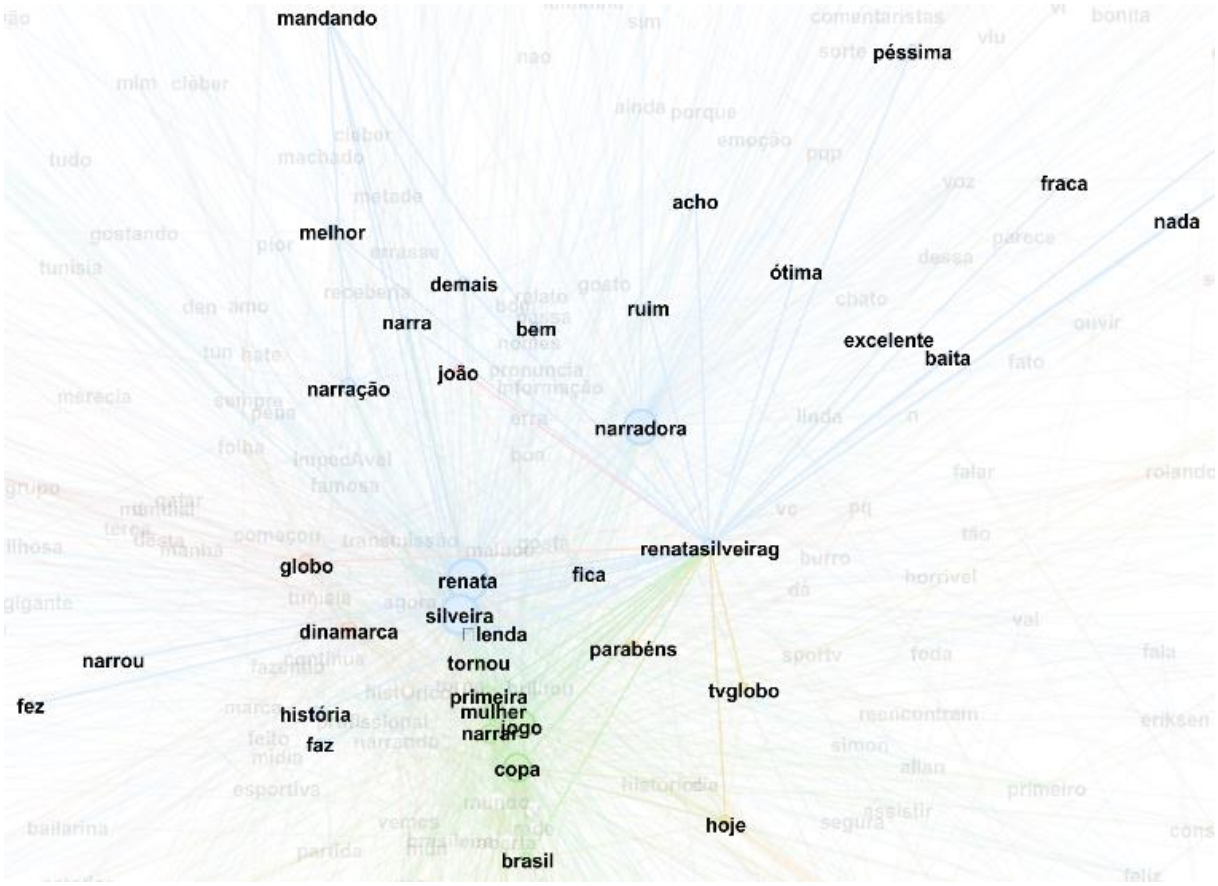
Figura 1: Conexões semânticas sobre o marco de Renata Silveira



Fonte: Elaborado pelas autoras

As conexões do nó "@renatasilveirag", isto é, enviados de forma que ela seja notificada da publicação, são principalmente de elogios, que a consideram "excelente", "ótima" e uma "baita" "narradora", com uma "voz" "bonita", e de críticas negativas que a avaliam como "péssima", "fraca" e "ruim" e, apesar de afirmarem, em geral, não ter "nada" "contra" ela, descrevem sua "voz" como "chata" e a acusam de "passar" "zero"/"nenhuma" "emoção" (FIG. 2). Este nó ainda se conecta com a palavra "melhor", que, por sua vez, possui forte ligação com "Cléber" "Machado" e, com menos força, com "Galvão" "Bueno". As comparações se dividem, algumas sugerindo a superioridade da jornalista, enquanto outras sugerem que Machado é "milhões" de "vezes" "melhor". Uma parcela das publicações faz uma observação mais incisiva, afirmando que Renata Silveira "receberia" bastante "*hate*" (comentários de "ódio") caso "errasse" "metade" dos "nomes" que "Cléber" "Machado" erra

Figura 2: Mapa semântico de opiniões sobre a narração de Silveira no jogo de estreia



Fonte: Elaborado pelas autoras

A dicotomia das opiniões também pode ser observada no nó “narradora”, que estabelece conexão forte com “boa” e “ruim”.

Em referência à sua aparência, Silveira recebe apenas os adjetivos positivos “linda” e “bonita” (também conectado com o termo “voz”) e “gata”. Alguns usuários afirmam não estarem “entendendo” o “hate” em “cima” de “Renata”, enquanto outros acreditam que a crítica à “narração” da jornalista é “exemplo” “claro” de “machismo”, afinal, ela estava “mandando” “bem” “demais”, e deixam um conselho para o “machão” que segue reclamando: “vai” “ver” pelo “Sportv”.

No canto superior direito do mapa, encontra-se mais uma divergência: um agrupamento pede que alguém tire (“tira”) a “menina” pelo “amor” de “Deus”, enquanto outro destaca “tanto” a “representatividade” quanto a “competência” da jornalista.

b) Ana Thaís Matos

A primeira partida comentada por Ana Thaís Matos recebeu menos comentários no Twitter, formando uma rede mais concisa. Seu nome são os nós principais, com outros três que se destacam pelo tamanho e centralidade: “comentarista”, “mulher” e “Galvão”. Assim como no feito de Renata Silveira, os comentários mais salientados – com nós mais centrais e próximos entre si – se referem ao fato de que Ana Thaís se “tornou” a “primeira” “mulher” “comentarista” em um “jogo” de “copa” do “mundo” “masculina” na transmissão em “tv” “aberta” no “Brasil” pela “Rede” “Globo”, dando a ela “parabéns” pela conquista.

Assim como Renata Silveira, Ana Thaís Matos recebe críticas divergentes (FIG. 3). Alguns consideram sua atuação “excelente”, com “falas” e “análises” “importantes”, e que ela está aos “poucos” “ganhando” “respeito” no cenário profissional. Outros a julgam “péssima”, que não entende “nada” de “futebol”. Reclamam, ainda, que “tiraram” o comentarista e ex-jogador “Casagrande” e “colocaram” a jornalista em seu lugar. A respeito da crítica, os fãs de Ana Thaís comentam achar “engraçado” como a “macholândia” adora “falar” “mal” da comentarista.

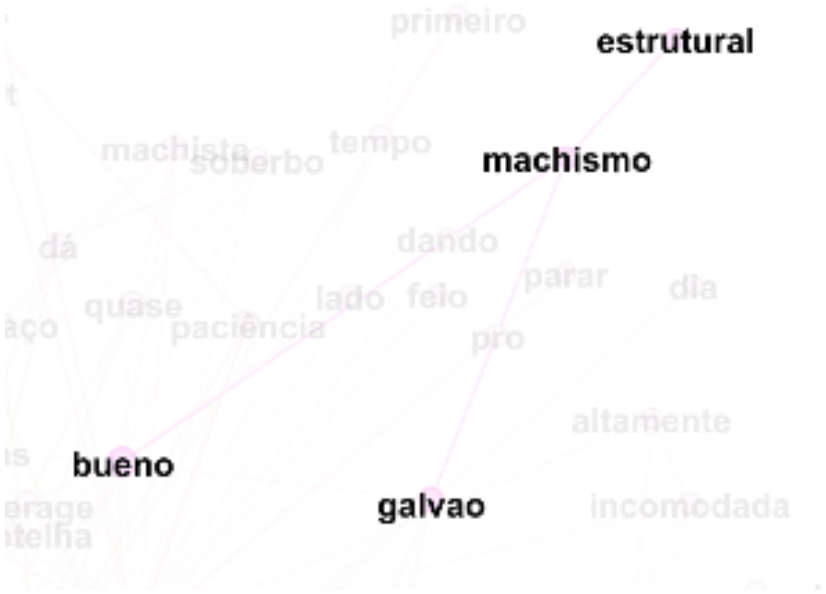
Figura 3: Mapa semântico de comentários positivos e negativos sobre atuação de Ana Thais Matos

Fonte: Elaborado pelas autoras

A maioria dos nós ligados a “Galvão” “Bueno” se refere ao que o público observou como atitudes derivadas de um “machismo” “estrutural” (FIG. 4). Segundo os *tweets*, o narrador “interagiu” apenas com “comentaristas” “homens”, deixando a “impressão” de que

estava “cortando” ou “ignorando” “completamente” Ana Thaís, com quem estava “meio” sem “paciência”, deixando a audiência “completamente” “incomodada”. Assim, pedem que ele “deixe” ela “falar” e fazer seus “comentários”.

Figura 4: Mapa semântico que associa postura de Galvão Bueno com machismo estrutural



Fonte: Elaborado pelas autoras

Por fim, na extremidade esquerda, o *cluster* laranja celebra como as mulheres “podem” e “passam” a “ocupar” “lugar”/“espaços” no “entretenimento” e no “jornalismo” “esportivo”.

Análise dos resultados

Divisão sexual do trabalho no jornalismo

Iniciamos a discussão deste tópico com base nos fatos. A Copa do Mundo masculina de 2022 foi marcada pela presença de duas mulheres em espaços antes ocupados apenas por homens. É certo que tamanha ruptura não se deu abruptamente, mas a conta gotas e a base de disputas nem sempre visíveis. Renata Silveira e Ana Thaís Matos atraíram os holofotes por serem as primeiras mulheres a narrar e comentar jogos de Copa do Mundo de futebol masculino na TV Globo e, ao serem mulheres desempenhando tais papéis, provocaram reações do público. Pontuamos, assim, que o abalo ocasionado pela presença da imagem e

especialmente da voz feminina em um território majoritariamente masculino se deu independentemente da qualidade de sua atuação.

Mesmo após um processo denominado de "feminização do jornalismo" (Lelo, 2019), a concentração de matérias jornalísticas assinadas por mulheres em determinadas editorias ou temáticas específicas é uma evidência da generificação de pautas, o que nos leva a refletir sobre duas problemáticas.

A primeira se refere a uma suposta "escrita feminina", incluindo as marcas deixadas pela presença do corpo feminino ao contar/narrar/comentar fatos. Essa lógica dicotômica binária e essencialista entre masculino e feminino está baseada em papéis de gênero e ajuda a legitimar a ideia de que alguns temas ou especializações jornalísticas são mais ou menos adequados a homens e mulheres (Lelo, 2019) e, não por acaso, "temas femininos" são corriqueiramente relacionados a coberturas de menor relevância informativa.

Mais além, conforme afirma Leite (2017, p. 16), "a figura do jornalista vista de uma forma abstrata, neutra, universal remete às categorias masculinas". A imparcialidade e credibilidade continuam mais próximas da figura masculina, alicerçada em uma suposta racionalidade e controle emocional, também essencialistas. São essas práticas que dificultam a entrada e permanência de jornalistas mulheres em determinadas editorias, consideradas mais "duras" e menos "subjetivas" – ou reservas da masculinidade, como é o caso do esporte. É certo que uma discussão acerca do significado de neutralidade no jornalismo se mostra necessária, especialmente no atual contexto.

No caso do jornalismo esportivo, valoriza-se o suposto conhecimento sobre o esporte, que abrange de aspectos técnicos e as regras do jogo a história e trajetória, bem como as experiências vividas no contexto esportivo. Por se tratar de um território ocupado historicamente por homens – e, no caso dos comentários, tradicionalmente por ex-jogadores de futebol –, são muitos os entraves que se fazem presentes para a entrada e permanência de mulheres jornalistas, especialmente quando os espaços por elas ocupados são de protagonismo, com alto nível de interação e opinião.

Por ora, centramos nosso olhar na divisão sexual do trabalho que estrutura a sociedade. Vemos nos mapas semânticos que o fato histórico evidenciado por parte dos/das internautas demarca que a presença das duas jornalistas possui um forte significado social, associados ao reconhecimento, com explícitos "parabéns" pela conquista (quadro 1). Mais além, observamos no *corpus* a percepção de que não estamos diante de um mérito

individualizado, mas sim de uma "celebração" que envolve todas as mulheres que trabalham no jornalismo esportivo, de "portas" que se "abrem" para a ocupação de um território inabitado por elas (quadro 1)[5].

Quadro 1: *Tweets* que ilustram a discussão

***Tweets* em apoio a Ana Thaís e Renata Silveira**
"Parabéns Ana Thais pelo pioneirismo e protagonismo. Acompanho há tempos sua trajetória, você dignifica a profissão e que continue a ser o que você é"
"Renata Silveira acaba de se tornar a primeira mulher a narrar um jogo de Copa do Mundo na TV aberta, com a transmissão de Dinamarca x Tunísia na Globo. Que seja apenas o começo e abra portas pra muitas outras!"

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados do Twitter.com, 2022.

Entendemos que não se trata primeiramente de uma discussão pautada no desempenho das funções de narradora e comentarista esportivo, mas na relevância de sua existência. Hirata e Kergoat (2007) nos ajudam a entender porque estamos mesmo diante de um fato histórico. Segundo as autoras, as desigualdades de gênero nas relações de trabalho são sistemáticas e hierarquizantes e estão alicerçadas em dois princípios organizadores: o de separação – historicamente a sociedade designou trabalhos "de homens" e trabalhos "de mulheres" com base em premissas essencialistas; e o hierárquico – o trabalho desempenhado por um homem possui maior valor social do que aquele realizado por uma mulher. "Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço", ainda que sejam móveis e plásticos (Hirata; Kergoat, 2007, p. 599). As raízes dessas visíveis desigualdades estão entremeadas na relação público/privado. Susan Okin (2008, p. 320) discute as configurações dessa dicotomia a partir de múltiplas perspectivas e afirma que "não podemos entender as esferas 'públicas' – o estado do mundo do trabalho ou do mercado – sem levar em conta o fato de que são generificadas, o fato de que foram construídas sob a afirmação da superioridade e da dominação masculinas (...)". Assim, as especificidades aparentes no mercado jornalístico são ramificações de uma mesma raiz.

Com a feminização do jornalismo, vimos mulheres ocuparem espaços de poder e de destaque, ainda que de forma insuficiente. No entanto, no que concerne especificamente ao jornalismo esportivo, a história é um pouco distinta. Nesse universo, podemos afirmar que o

[5] Os *tweets* que integram os quadros foram transcritos pelas autoras. Seguindo as recomendações gerais de ética de pesquisa em rede social, não colocamos os links ou divulgamos os perfis das publicações.

princípio de separação, assim nomeado por Hirata e Kergoat, ainda impera em grande medida a ponto de justificar a celebração de "portas que se abrem" em pleno ano de 2022.

O princípio hierárquico se apresenta com toda a sua força, garantindo aos jornalistas e comentaristas de futebol do sexo masculino credibilidade e autoridade que os mantém quase que intactos e irreprováveis no desempenho de suas funções. É emblemático em um dos nós analisados a presença do termo "menina" para se referir a Renata Silveira, ainda que se direcione a uma mulher de 31 anos (quadro 2). Não se trata aqui de um espectro etário, mas sim de asseverar a impossibilidade de sua presença na função de narradora.

Outro aspecto que merece destaque é a irritação de alguns usuários da rede social motivada pela voz da narradora, considerada "chata" em alguns comentários (quadro 2). Novamente temos fortes indícios de que, numa perspectiva essencialista, atributos femininos são lidos como inferiores ou menos apropriados para a função desempenhada. Não se trata da voz de Renata Silveira, mas da voz de uma mulher que, independentemente de seu timbre e da fonogenia nela inscrita, incomoda.

Quadro 2: *Tweets* que ilustram a discussão

***Tweets* que usam o termo "menina" e que demonstram incômodo com a voz de Renata Silveira**
"@geglobo Narrador tem que passar emoção. Se for para ler nome de jogador eu mesmo faço. Essa narradora de Dinamarca e tunísia é horrível de ruim. Tira essa menina pelo amor de Deus!"
"Como que alguém aguenta essa voz da renata silveira"

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados do Twitter.com, 2022.

É importante pontuar que a narração de jogos de futebol na televisão brasileira tem marcas significativas de sua performance no rádio. Quando voltamos nossa mirada para este meio, estritamente sonoro, observamos uma predominância de vozes masculinas, no passado e na atualidade, fato que reflete o modo como a sociedade lida com as mulheres e como se constrói a divisão sexual do trabalho neste ambiente (Winter; Viana, 2021). As autoras propõem uma contextualização sócio histórica com o objetivo de compreender os espaços ocupados por mulheres ao longo da evolução do rádio como meio. Contudo, a narração de jogos de futebol se torna um espaço estritamente masculino. "O que supostamente poderia significar uma predileção pelo timbre de voz masculino, em detrimento do feminino, se mostra mais uma faceta da divisão sexual do trabalho que estrutura a sociedade" (Silva; Malta, 2022, p. 74), uma "predileção" que se materializa no *corpus* de análise e mascara as verdadeiras raízes do problema.

Sobre essas desigualdades, pesquisas tem demonstrado (Fígaro; Nonato; Grohmann, 2013; Lelo, 2019) que os aspectos que limitam as mulheres no pleno exercício da profissão de jornalista são concernentes às raízes de uma sociedade patriarcal, onde o machismo se retroalimenta na rotina produtiva, alicerçado em bases hierárquicas, na ausência ou insuficiência de políticas que garantam a equidade de gênero no mercado de trabalho e em ciclos de diversas formas de violência institucional. Desse modo, "inserir a divisão sexual do trabalho como um componente adicional de precariedade no setor é fundamental para refletir sobre os obstáculos exclusivos das mulheres que paulatinamente se aventuram na profissão" (Lelo, 2019, p. 4).

O universo masculino como referência no esporte

Das conexões que evidenciam as comparações de Renata Silveira e Ana Thaís com colegas homens, como "Cléber Machado", "Luís Roberto", "Galvão Bueno" e "Casagrande", emerge a noção de que as performances masculinas no jornalismo esportivo, assim como no esporte, estabelecem parâmetros para os profissionais que atuam no campo, especialmente para as recém-chegadas mulheres (quadro 3). Tais comparações podem ser entendidas não apenas pela experiência dos narradores e comentaristas mencionados, mas pela regra masculina que se estabeleceu histórica e culturalmente na cobertura esportiva e nas mais diversas funções, desde as atléticas até a arbitragem, a torcida e os cargos de liderança. Assim, "é possível identificar a dificuldade de ter atribuída legitimidade e autoridade ao que é elaborado por mulheres sobre o futebol", já que existe, ainda, "uma demarcação de quem é o sujeito autorizado a falar", comentar e analisar a modalidade, e "o perfil de homem branco é prioritário em canais de televisão" (Ferro, 2023, p. 9-14).

Quadro 3: Publicação que ilustra a discussão

***Tweet* que compara Renata Silveira com colegas homens**
"Só eu que não acho a Renata Silveira esse desastre todo? Ela não é espetacular como Luís Roberto e Galvão Bueno, mas não é um desastre como Villani com sua narração extremamente forçada e Cleber Machado que nem o nome dos jogadores sabe falar. Narradora mediana."

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados do Twitter.com, 2022.

A comparação entre homens e mulheres no esporte é traduzida na ideia de que "Marta é o Pelé de saias", com a memória e a imagem do celebrado jogador sendo acionadas para a construção da identidade e validação da qualidade da atleta, eleita seis vezes a Melhor

Jogadora do Mundo pela Fifa. Cumpre-se, como explicita Wood (2018), a tendência de se fazer uso de categorias masculinas para representar e legitimar o futebol das mulheres.

Na primeira Copa do Mundo de futebol feminino exibida pela Rede Globo em televisão aberta, em 2019, memórias do futebol masculino foram acionadas para explicar ou naturalizar ações ou acontecimentos do futebol de mulheres. Como descreve Araújo (2023), os narradores das coberturas ao vivo utilizaram exemplos históricos do futebol masculino quando o assunto era uma partida feminina. Galvão Bueno citou uma lesão de Pelé para ilustrar a lesão de Marta e afirmou que a jogadora Cristiane cabeceou a bola com perfeição porque daquela forma Pelé descreveu o movimento ideal.

Na edição mais recente da competição, em 2023, também transmitida pela TV Globo, declarações similares podem ser identificadas. Na partida em que a seleção brasileira foi eliminada da competição, o comentarista Caio Ribeiro afirmou, ao vivo, que "a Marta é o Pelé do futebol feminino", conforme documentado por matérias como a do Torcedores.com (Bahúte, 2023), em um contexto em que falava sobre aquele ser o último mundial da jogadora.

Assim, observamos a reprodução de momentos do futebol masculino já repercutidos pela imprensa esportiva, mas retomados quando o foco eram as mulheres. O uso insistente de referências masculinas, colocadas como universais, atua como modo de ignorar e silenciar a trajetória feminina nesse esporte.

Januário, Veloso e Cardoso (2016, p. 170) destacam que a própria designação de futebol feminino se torna excludente ao determinar a necessidade de especificação apenas quando o desporto é praticado por mulheres, já que o termo "futebol" tem em seu significado universal relação direta com o masculino. Com regras, códigos e objetivos idênticos, as expressões feminino e masculino qualificam o significado do discurso, abarcando determinados valores culturais, como a feminilidade. Alguns autores e autoras, como Kessler (2016, p. 21), Souza Júnior e Reis (2016, p. 60), indicam a preferência pelo uso de "futebol de mulheres" ou "futebol praticado por mulheres" por entenderem que "o futebol é um fenômeno universal" (Souza Júnior; Reis, 2015, p. 59).

Tudo isso se deve ao fato de que o futebol se desenvolveu como uma prática esportiva percebida e situada na construção e na afirmação da masculinidade e da virilidade (Januário, 2017), se consolidou como um universo caracterizado, desde sua origem, como um espaço eminentemente masculino, e não somente esportivo, mas sociocultural, com "valores nele

embutidos e dele derivados que estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da 'ordem', ou da 'lógica', que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada" (Franzini, 2005, p. 316). Salienta-se que delimitar ambientes como impróprios para as mulheres, como é o caso do futebol, é um claro mecanismo de disciplina, coerção e poder (Januário, 2017).

A ideia do masculino como referencial também pode nos ajudar a discutir o 'machismo estrutural', que foi percebido pelo público e aparece em um dos nós do mapa. Tal julgamento se baseia na leitura das atitudes de Galvão Bueno, que, segundo os *tweets*, ignorava ou interagia pouco com Ana Thaís durante a transmissão ao vivo, demonstrando preferência para a troca de ideias com os comentaristas homens, uma atitude alicerçada na desigualdade de gênero (quadro 4). Quando uma postura machista no ambiente de trabalho parte de uma figura que constitui o quadro de colaboradores da emissora, observamos a institucionalização do machismo.

Quadro 4: Publicação que ilustra a discussão

***Tweet* sobre postura de Galvão Bueno**
"Galvão Bueno só interage com os comentaristas homens. Ana Thais Matos fala, comenta, trás análises importantes, ele não diz nem um "a" e segue como se ninguém tivesse falando nada. Vocês sabem o nome disso, né? Tá feio, Galvão" #FIFAWorldCup2022"

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados do Twitter.com, 2022.

Pacheco e Silva (2020), em uma reflexão sobre desigualdades de gênero no jornalismo esportivo, realizaram entrevistas com jornalistas da cidade de Belo Horizonte - MG. De acordo com os autores, o comportamento machista é apontado dentro das redações e emissoras como o padrão de relação entre pares profissionais, o que tornava o ambiente intimidador para as mulheres.

> Nas narrativas, é frequente a queixa de não serem ouvidas quando propõem as mesmas pautas que são ouvidas quando a proposta é apresentada pelos colegas homens. Inclui-se nessa dinâmica o entendimento de que são ignoradas pelos colegas quando exprimem opiniões sobre o desempenho de jogadores e equipes, como também uma postura desigual dos chefes em relação às escolhas para cobrir determinados eventos e as eventuais falhas masculinas e femininas (Pacheco; Silva, 2020, p. 7).

Sendo assim, quando o desempenho e as figuras masculinas são estabelecidos como parâmetros de comportamento no esporte e no jornalismo esportivo, eles são perpetuados em posições de poder que favorecem a reprodução de desigualdades de gênero.

Polarização de ideias promotora de debates

Em ambos os mapas semânticos foi possível identificar publicações contendo análises e opiniões sobre o desempenho das jornalistas (quadro 5). Nesse sentido, vale destacar que não há consenso nem sobre uma, nem sobre outra.

Quadro 5: *Tweets* que ilustram a discussão

***Tweets* com opiniões sobre o desempenho de Renata Silveira**
"Ela só tem esse destaque todo por causa da representatividade, como narradora é fraca e não passa emoção nenhuma."
"A Renata Silveira é uma narradora muito boa: não erra informação, pronuncia os nomes bem e passa um bom relato. Mas por não ficar berrando e, bem, por ser mulher, dizem que ela é horrível"

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados do Twitter.com, 2022.

Em entrevista ao G1 (Sarmento, 2022), Renata Silveira destacou sua consciência sobre os julgamentos que poderiam cercar sua atuação, apresentando uma crítica sobre a forma como os trabalhos de homens e mulheres são tratados assimetricamente no campo do esporte: "Vou estudar duas vezes mais porque não tenho tempo para errar. A gente não pode errar. Se o homem erra, ele se enganou. Se a mulher erra é porque a mulher não sabe, é porque ela não devia estar ali".

Da mesma forma, Ana Thaís Matos foi considerada "excelente" por alguns e alguém que não entende "nada" de "futebol" por outros. Mais além, percebermos comentários que não apenas avaliam de forma negativa, mas tentam deslegitimar a presença das mulheres em seus postos de trabalho.

Deparamo-nos, portanto, com uma disputa de narrativas por parte dos/as usuários/as da rede que extrapola o fato em si. Por um lado, um discurso pautado em bases feministas não apenas defende a entrada e permanência das profissionais, mas também contrapõe qualquer suposta opinião negativa com argumentos uníssonos que ecoam como acusações de machismo (quadro 6). Por outro, usuários que se sentem no direito de opinar e rebater tais acusações, baseados na liberdade de expressão e em argumentos contrários à militância feminista nas redes.

Quadro 6: Publicação que ilustra a discussão

***Tweet* que aponta para machismo em comentários**
"É engraçado como a macholândia adora falar mal da Ana Thais Matos. As mulheres não podem ocupar os espaços que sempre aparece uns para tentar desmerecer as nossas conquistas."

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados do Twitter.com, 2022.

Desse modo, descortinamos o contexto em que manifestações políticas se desvinculam das instituições, construindo um entorno complexo, em que as redes sociais adquirem um papel determinante como expansão da esfera pública (Westling, 2007). As novas ferramentas de participação e interação modelam lugares propícios para o debate, emergindo ali expressões de identidades coletivas que extrapolam opiniões individuais e isoladas. Não houve, para esta pesquisa, uma análise acurada acerca da dimensão política dos comentários, não podemos, assim, caracterizá-los como ativismo digital[6]. Todavia, entendemos que as redes sociais têm um grande impacto sobre a dimensão comunicativa do ativismo político, passíveis de reconfigurar as relações de poder por meio do manifesto individual ou de grupos sociais muito mais visíveis que em outros contextos (Recuero *et al*., 2015).

Mais além, "é pelo discurso que construímos as práticas sociais, legitimamos certas vidas, deslegitimamos outras, elegemos ou contestamos certas naturalizações da posição/colocação social de alguns corpos e de saberes hegemônicos, legitimamos certas existências de umas pessoas em detrimento às existências de outras" (Borges; Melo, 2019, p. 5). Os(as) autores(as) discutem a potência das palavras proferidas nas redes sociais, afirmando que a persistente repetição dos atos de fala performativos indexa memórias, crenças, valores e discursos que sistematicamente inferiorizam as mulheres e questionam os espaços que elas passam a ocupar. Sob a perspectiva da linguagem como performance, consideramos que a linguagem vai além da descrição. Segundo Butler (2021), são atos de fala corpóreos que produzem efeitos concretos em práticas sociais, normatizam ações e regulamentam nosso modo de agir e interpretar. O machismo, assim como o racismo, são invenções históricas, culturais e sociais e também se constroem na linguagem.

[6] O ativismo digital, de acordo com Vasconcelos Filhos e Coutinho (2016), trata-se de uma dinâmica de organização instantânea de manifestações políticas, conduzidas por usuários de sites de redes sociais, que, ao compartilharem informações e opiniões, exercem influência sobre seu público ou seguidores. Em contraposição à crítica que rotula esse engajamento como "ativismo de sofá", os autores sustentam a eficácia da disseminação de ideias através desses usuários, destacando o Twitter como um marco essencial para o ciberativismo global.

Nessa arena, a presença ou simples existência das jornalistas em espaços de poder historicamente masculinos foram propulsoras de um debate que extrapola o fato e transborda na rede estudada.

Aparência física como argumento

Nas conexões apresentadas pelo mapa semântico, identificamos menções à beleza física da narradora Renata Silveira, chamada de "linda" em julgamentos sobre sua aparência (quadro 7). Os comentários sobre a estética de mulheres em contextos em que trabalham com o esporte trazem à tona uma tendência histórica do jornalismo esportivo brasileiro de retratos que sexualizaram e objetificaram mulheres.

Quadro 7: Publicação que ilustra a discussão

***Tweet* sobre aparência de Renata Silveira**
"ignoro o fato da Renata ser uma péssima narradora so pq ela e linda"

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados do Twitter.com, 2022.

Entre as décadas de 1970 e 1980, tais abordagens eram verificadas em publicações da mídia especializada. Nesse período, pensava-se que o futebol seria responsável por masculinizar aquelas que o praticassem. Elsey e Nadel (2019, p. 130, tradução nossa) descrevem uma matéria de jornal afirmando que as mulheres jogavam com força e vigor, "embora suas unhas compridas pudessem causar ferimentos graves"[7], em uma tentativa, conforme os autores, de normalizar as jogadoras, colocando-as em categorias aceitáveis de feminilidade.

Costa (2014) salienta que esse tipo de abordagem se tornaria ainda mais evidente na década de 1990, quando a mídia impressa passou a produzir narrativas em que o padrão estético tinha mais espaço do que a técnica das mulheres, "e a associação da beleza ao jogo levava sempre a uma atitude de desconfiança sobre as verdadeiras habilidades femininas no esporte" (Mourão; Morel, 2005, p. 81), desqualificando as aptidões esportivas femininas e silenciando as lutas por profissionalização, estruturação e visibilidade.

A necessidade de destacar atributos físicos de mulheres e a imposição de padrões de feminilidade circulavam com força no meio esportivo, prova disso é a atitude da Federação

[7] Citação original: "[...] the women played with force and vigor, though their long nails could inflict serious injury. The article attempted to normalize women players by placing them into acceptable categories".

Paulista de Futebol (FPF) em 2001. Pisani (2014) conta que a FPF determinou que, para uma jogadora participar de campeonatos, deveria apresentar signos de feminilidade: "cabelos compridos, corpo mais delicado e com curvas". Uma reportagem da Folha de S.Paulo naquele ano divulgou a "filosofia" da FPF para o futebol feminino":

> FPF INSTITUI JOGADORA-OBJETO NO PAULISTA
> Para entidade, beleza é requisito básico na seleção de atletas para a competição feminina que começa em outubro. No lugar dos cabelos ralos, longos rabos-de-cavalo. Dos calções masculinos, shorts minúsculos. Da cara limpa, a maquiagem (...) (Arruda, 2001).

A constante menção ao corpo e à aparência, além de reproduzirem estereótipos de gêneros, tornam tais julgamentos estéticos pontos de discussão que mascaram os feitos profissionais das atletas e submetem a prática esportiva das mulheres aos anseios de um público masculino.

Em uma demonstração mais recente de como mulheres que trabalham no universo do esporte reivindicam seus espaços de pertencimento emergiu o movimento #DeixaElaTrabalhar, iniciado em março de 2018 por meio das redes sociais e com repercussão mundial. Trata-se de um manifesto assinado por cerca de 50 jornalistas que trabalham com esporte e divulgado como mecanismo de protesto, bem como de denúncia de casos de assédio e desrespeito sofridos por elas em coberturas esportivas. A publicação[8] que lançou a campanha resgata manchetes de episódios de assédio sexual e moral sofridos por repórteres, assim como comentários nas plataformas digitais que, em sua maioria, eram de cunho sexual e questionavam o conhecimento das jornalistas. O material exibiu diversas situações nas quais homens aparecem tentando beijar repórteres sem consentimento, em gravações de reportagens ou entradas ao vivo em espaços relacionados ao futebol. As profissionais denunciavam as más condições de trabalho, como a falta de banheiros femininos nos estádios. Conforme reforçam Pacheco e Silva (2020, p. 3), mulheres são sistematicamente excluídas e invisibilizadas, além de, em determinados casos, sofrerem violências físicas e simbólicas no campo do esporte e do jornalismo esportivo – como as denunciadas pelo movimento #DeixaElaTrabalhar.

Por meio de tais contextos, entendemos que, quando as mulheres são vistas como objetos sexuais ou figuras a serem apreciadas/julgadas pela beleza ou demais atributos físicos,

[8] #deixaelatrabalhar. **Facebook**, 25 mar. 2018. Disponível em: https://www.facebook.com/deixaelatrabalhar/videos/381248229014423. Acesso em 11 jan. 2024.

suas atuações profissionais são ofuscadas, especialmente diante do histórico da relação das mulheres com o esporte no Brasil. Ademais, como parte da perpetuação de um padrão de beleza hegemônico, observamos a prevalência de mulheres jornalistas brancas e magras dando forma ao espetáculo futebolístico televisivo.

Os comentários analisados que fizeram emergir essa discussão explicitam sua naturalização por parte do público. Como afirmam Martín, Arjonilla e Sedeño (2017), a valorização de qualidades estéticas na apresentação de mulheres se associa à noção de controle dos corpos femininos e serve ao propósito de canalizar as energias de mulheres em prol da plena adequação aos moldes hegemônicos de beleza e feminilidade, distanciando-as de espaços de poder, como o ocupado pelas jornalistas objeto deste estudo.

Considerações Finais

O presente artigo se desenvolveu a partir de um marco histórico: a presença de duas mulheres como protagonistas no jornalismo esportivo em transmissões ao vivo da Copa do Mundo de 2022 na TV Globo, Renata Silveira como narradora e Ana Thaís Matos como comentarista. Fomos motivadas a eleger o Twitter como rede social a ser explorada particularmente devido às apropriações que os/as usuários/as fazem da plataforma, possibilitando suas ações como produtores e recirculadores de conteúdo, o que torna esse ambiente uma esfera pública, palco para o debate de ideias e opiniões.

Com base no método elencado, pudemos compreender questões sociais que emergiram do *corpus* analisado e deram forma a mapas semânticos, organizadas nos seguintes tópicos: divisão sexual do trabalho no jornalismo, o universo masculino como referência no esporte, a polarização de ideias promotora de debates e a aparência física das jornalistas como argumento. A interpretação das linhas discursivas nos direcionou a uma discussão teoricamente embasada que posiciona o marcador de gênero como central não apenas de modo descritivo, mas analítico e também político. Buscamos caminhos para materializar e garantir a visualidade dos argumentos que constroem o discurso por meio de *tweets* - posicionados ao longo da discussão dos resultados.

Concluímos que o fato carrega em si uma história de desigualdades de gênero no universo esportivo. Trata-se de um entrelaçamento de dois ambientes – o esporte (futebol) e o jornalismo – que, quando associados, revela um espaço bastante restrito à simples presença de mulheres. Ainda que nenhuma conquista se dê abruptamente, mas dependa de um contexto

processualmente construído, o protagonismo de Renata e Ana Thaís no jornalismo esportivo significou uma ruptura.

O debate gerado nas redes a partir do fato e suas linhas discursivas podem ser interpretados, em alguma medida, como reflexo de pautas sociais em curso. Enquanto parte dos comentários demonstra a manutenção de padrões hegemônicos enraizados, outra reflete a resistência a esses mesmos padrões, os quais preterem mulheres de espaços de poder. É certo que esta arena é muito mais complexa do que a morfologia das redes sociais, um espaço supostamente mais democrático de compartilhamento que permite o ecoar de múltiplas vozes e ainda pouco acessível no contexto brasileiro, considerando os obstáculos para o letramento digital.

Todavia, é preciso reconhecer o seu potencial de mobilização, passível de impulsionar transformações sociais. Acerca do nosso objeto de estudo, especificamente, observamos que Renata Silveira foi narradora de 13 jogos do mundial, dois a mais do que o programado, incluindo a decisão pelo terceiro lugar do torneio, e que Ana Thaís Matos não apenas comentou os jogos do Brasil, como previsto, mas também marcou presença no jogo da final. Não temos como afirmar que a repercussão nas redes tenha sido o motivador de tais feitos, mas o caráter panfletário das redes sociais digitais, em especial do Twitter, nos dá pistas de sua influência.

Em um momento posterior ao analisado, as duas profissionais estiveram juntas na transmissão da Copa do Mundo de mulheres em 2023. A emissora, que transmitiu a competição pela segunda vez na história em rede aberta, contou com várias mulheres atuando nessa cobertura. Vale mencionar que o evento contou com a transmissão de todos os jogos pela Cazé TV – canal no YouTube com mais de 10 milhões de inscritos –, com jornalistas mulheres representadas. Em entrevista ao site esportivo Lance! (Werneck, 2023), Renata Silveira afirmou que fica “muito mais tranquila em narrar um jogo do futebol feminino” porque sabe que recebe “menos mensagens negativas”, que, em uma comparação com o futebol masculino, “o '*hate*' do público do futebol feminino é muito menor”.

Para além de conclusões intrínsecas ao conteúdo analisado e ao recorte pesquisado, destacamos, por fim, as múltiplas possibilidades de aplicação da Análise de Redes Semânticas como método em estudos do campo da comunicação social com enfoque em problemáticas sociais, tendo as redes sociais digitais como ambiente a ser investigado.

Referências

ARAÚJO, Érika Alfaro. **Mulheres em Campo**: Gênero no Jornalismo Esportivo Brasileiro. Curitiba: Appris, 2023.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BORGES, Roberto; MELO, Glenda. Quando a raça e o gênero estão em questão: embates discursivos em rede social. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, e54727, 2019.

BRASIL É o país que mais usa o Twitter para falar de futebol no mundo. **Gazeta Esportiva.** São Paulo, 7 jul. 2022. Disponível em: https://www.gazetaesportiva.com/times/brasil/brasil-e-o-pais-que-mais-usa-o-twitter-para-falar-de-futebol-no-mundo/. Acesso em: 01 mar. 2023.

BRUM, Adriana; CAPRARO, André Mendes. "Mulheres no jornalismo esportivo: uma 'visão além do alcance'". **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4, p. 959-971, out./dez. 2015.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: Uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp. 2021.

COSTA, Leda Maria. Beauty, effort and talent: a brief history of Brazilian women's soccer in press discourse. **Soccer and Society**, v. 15, n. 1, p. 81-92, 2014.

DUNNING, Eric. O esporte como um domínio masculino: observações sobre as fontes sociais da identidade masculina e suas transformações. *In*: DUNNING, Eric. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014.

ELSEY, Brenda e NADEL, Joshua H. **Futebolera**: a history of women and sports in Latin America. Austin: University of Texas Press, 2019.

FERRO, Raphaela. Sujeito autorizado no jornalismo esportivo sobre futebol. **Anais - 4º Simpósio Internacional de Artigos sobre Futebol**, São Paulo, 2023.

FÍGARO, Roseli; NONATO, Cláudia; GROHMANN, Rafael. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.

FIRMINO, Carolina Bortoleto. **Gênero e posicionamento no esporte:** a noticiabilidade no jornalismo esportivo feminista do Dibradoras. 2021. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/215276>.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho?": pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005. Disponível em: https://encurtador.com.br/mpsu9. Acesso em 10 jan. 2024.

HIRATA Helena; Kergoat, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. **Cadernos de Pesquisa,** vol. 132, n.37, p.595-609, 2007. DOI: 10.1590/S0100-15742007000300005.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG**, v. 2, n. 1, p. 28-43, 2017.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; VELOSO, Ana Maria da Conceição; CARDOSO, Laís Cristine Ferreira. Mulher, Mídia e Esportes: A Copa do Mundo de Futebol Feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos. **Revista Eptic**, v. 18, 2016.

KESSLER, Cláudia Samuel. Futebol ou futebóis: é plural ou singular? *In*: KESSLER, Cláudia Samuel (Org.). **Mulheres na área**: gênero, diversidade e inserções no futebol. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

LEITE, Aline. Editoras, repórteres, assessoras e freelancers: diferenças entre as mulheres no jornalismo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 163, p. 44-68, 2017. DOI: 10.1590/198053143810.

LELO, Thales. A feminização do Jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, p. 1-14, 2019. DOI: 10.1590/1806-9584-2019v27n254225.

MARTÍN, Rebeca, ARJONILLA, Esther, SEDEÑO, Eulalia. Cuerpos y prácticas: una década de estudios ctg. **Cadernos Pagu**, Dossiê Gênero e Ciências: Histórias e políticas no contexto ibero-americano. n. 49, 2017.

MOURÃO, Ludmila; MOUREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino: O discurso da mídia impressa em campo. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Revista estudos feministas**, v. 16, p. 305-332, 2008.

OLIVEIRA, Ana Paula; OLIVEIRA, Nathalia Lainetti de. A mulher no jornalismo esportivo. **Revista Observatório**, [S.l.], v. 3, n. 5, 2017. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3326. Acesso em: 2 fev. 2023.

PACHECO, Leonardo Turchi; SILVA, Silvio Ricardo da. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 3, e61002, 2020.

PIOVESAN, Bruna. #WorldCup on Twitter: The G.O.A.T.. **Blog.Twitter**. [Online], 20 dez. 2022. Disponível em: https://blog.twitter.com/en_us/topics/events/2022/2022-World-Cup-Insights. Acesso em: 2 mar. 2021.

PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. **Ponto Urbe** [Online], 14, 2014. Disponível em: https://journals.openedition.org/pontourbe/1621. Acesso em: 1 mar. 2023.

RAMIRES, Lídia. Mulheres jornalistas esportivas e mercado de trabalho: quem (não) as deixa trabalhar? **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 501-509, set./dez. 2020.

RAMOS, Regina Helena de Paiva. Mulheres jornalistas – A grande invasão. **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**. Faculdade Cásper Líbero. São Paulo: 2010.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marcos T; ZAGO, Gabriela. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RECUERO, Raquel. O Twitter como esfera pública: como foram descritos os candidatos durante os debates presidenciais do 2º turno de 2014?. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [Belo Horizonte], v. 16, n. 1, p. 157-180, 2016.

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo**: histórias da imprensa esportiva do Brasil. 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

SILVA, Alice dos Santos; MALTA, Renata Barreto. Vozes Femininas nas mídias sonoras: intersecções entre trabalho e relações de gênero. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 13, n. 1, p. 69-96, jan./abr. 2022.

TAVARES, Camilla Q.; RECUERO, Raquel. Toxicidade e violência discursiva contra deputadas federais no Twitter. **Galáxia**, v. 48, p. 1-25, 2023. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1982-2553202362122. Acesso em 14 jan. 2024.

VASCONCELOS FILHO, José Marques de; COUTINHO, Sérgio. O ativismo digital brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

WERNECK, Pedro. Copa do Mundo: Renata Silveira explica por que fica mais tranquila ao narrar futebol feminino. **Lance!**, Rio de Janeiro, 19 jul. 2023. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/copa-do-mundo-renata-silveira-explica-por-que-fica-mais-tranquila-ao-narrar-futebol-feminino.html>. Acesso em: 25 out. 2023.

WESTLING, Mike. Expanding the public sphere: The impact of Facebook on political communication. **Advances in Journalism and Communication**, n. 3, p. 123-138. 2007. DOI: /10.4236/ajc.2015.34014.

WINTER, Yasmin; VIANA, Luana. A podosfera é delas? Um panorama Brasileiro sobre podcasts apresentados apenas por mulheres. **Revista Razón y Palabra,** v. 24, n. 111, p. 47-61, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.26807/rp.v25i111.1796. Acesso em: 15 mar. 2023.

WOOD, David. The Beautiful Game? Hegemonic Masculinity, Women and Football in Brazil and Argentina. **Bulletin of Latin American Research**, v. 37, n. 5, p. 567–581, 2018.

Dados de Autoria

Renata Barreto Malta
E-mail: renatamaltarm@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7414-9081
Instituição: Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil
Minibiografia: Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP (2013). Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Sergipe (UFS), professora permanente e atual vice-coordenadora do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFS. Coordenadora no Grupo de Pesquisa GENI - Gênero e Interseccionalidades na Comunicação.

Érika Alfaro de Araújo
E-mail: erika.araujo@unesp.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6283-9328
Instituição: Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo, Brasil
Minibiografia: Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Mestra em Comunicação e graduada em Jornalismo pela mesma instituição, realiza pesquisa na linha de Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais com foco no jornalismo esportivo e suas relações com a questão de gênero.

Aianne Amado
E-mail: aianne_amado@hotmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6754-2715
Instituição: Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil
Minibiografia: Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Cultura, Economia e Políticas da Comunicação no Programa de Pós-graduação em Comunicação pela Universidade Federal de Sergipe. Membro dos grupos de pesquisa OBSCOM/Cepos (UFS); GENI - Gênero e Inteseccionalidades na Comunicação (UFS), JDL - Jornalismo, Direito e Liberdade (USP) e NEV - Núcleo de Estudos da Violência (USP).

Dados do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:
Não se aplica.

Fontes de financiamento:
Não se aplica.

Apresentação anterior:
21º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2023, Universidade de Brasília (UnB), sem publicação em anais.

Agradecimentos/Contribuições adicionais:
Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Sergipe (UFS), ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP), bem como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Apenas para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa:
Renata Barreto Malta, Érika Alfaro de Araújo e Aianne Amado.

Coleta de dados:
Aianne Amado.

Análise e/ou interpretação dos dados:
Renata Barreto Malta, Érika Alfaro de Araújo e Aianne Amado.

Escrita e redação do artigo:
Renata Barreto Malta, Érika Alfaro de Araújo e Aianne Amado.

Revisão crítica do conteúdo intelectual:
Renata Barreto Malta, Érika Alfaro de Araújo e Aianne Amado.

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós:
Érika Alfaro de Araújo.

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?
Não.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?
Não se aplica: não houve financiamento externo.

Liste os financiadores da pesquisa:
Sem financiamento externo.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?
Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:
Sem financiamento externo.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?
Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:
Não há vínculos deste tipo.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?
Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:
Não há vínculos deste tipo.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?
Não.

Que interferências foram detectadas?
Nenhum efeito do tipo foi detectado.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:
Não há conflito de interesses.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?
Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?
Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?
Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?
Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?
Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:
Não se aplica.